

EU TENHO DIREITO! DÁS-ME DIREITOS?!



GUIÃO PEDAGÓGICO

FICHA TÉCNICA:

Título: **Eu tenho Direito! Dás-me Direitos?! – Guião Pedagógico**

Coordenação pedagógica e técnica: **Sofia Moniz Alves & Cláudia Rocha**

Colaboração: **Ana Miranda, Dautarin Costa, Filipa Gonçalves, Margarida Rebelo, Nuno Tavares, Vitorino Blute**

Design gráfico e ilustração: **Carlota Flieg**

Edição: **2ª edição**

Editor: **FEC – Fundação Fé e Cooperação**

Local de edição: **Lisboa**

Data de edição: **Outubro 2021**

Data da 1ª edição: **2016**

Tiragem: **200 exemplares**

Impressão: **VigaPrintes**

Depósito Legal: **408085/16**

© FEC |Fundação Fé e Cooperação

A primeira edição desta publicação foi produzida no âmbito do projeto “Bambaran di minino II – Observatório Nacional dos Direitos das Crianças na Guiné-Bissau”, com o apoio da União Europeia e do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua Portuguesa, IP.

A segunda edição desta publicação foi produzida no âmbito do projecto “No Firma pa nô Dritus – Bolama”, implementado pela Fundação Fé e Cooperação (FEC), em parceria com a Academia Ubunut Guiné-Bissau (AUGB), com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade da FEC e não reflete necessariamente a posição da União Europeia.



EU TENHO DIREITO! DÁS-ME DIREITOS?! GUIÃO PEDAGÓGICO

A Inácia, o Embaló, o António, o Zé e a Odília são cinco crianças africanas, cada uma com um tipo de deficiência, que contam a sua história como pessoas de direito, que veem os seus direitos reconhecidos. Estas histórias são o núcleo do **“Eu tenho Direito! Dás-me Direitos?! - Guião Pedagógico”**, que se destina a crianças e jovens dos 6 aos 15 anos.

Este guião oferece sugestões de atividades na abordagem das diferentes histórias, de modo a ser um instrumento pedagógico para pais, professores, educadores e animadores, que pretendem abordar a temática da deficiência, pelo caminho da inclusão.





Personagem: Inácia

Idade: 9 anos

Deficiência: visual

Perfil: A Inácia é cega de nascença. Gostava de poder brincar com as outras crianças da aldeia, mas é sempre deixada de lado. Ela não vê, mas cheira e ouve melhor que qualquer um. Estes sentidos apurados podem torná-la numa heroína!

Deficiência visual: A deficiência visual ou cegueira, como normalmente a conhecemos, movimenta-se num campo muito vasto, já que existem situações de baixa visão e outras de perda total de visão (DGIDC, 2008). Esta deficiência pode ser adquirida - motivo de acidente e/ou doença, em qualquer fase da vida ou pode ser congênita - já nascemos com essa deficiência.



Inácia não brincava com os meninos, passava os dias sozinha em casa a ouvir as brincadeiras lá fora.



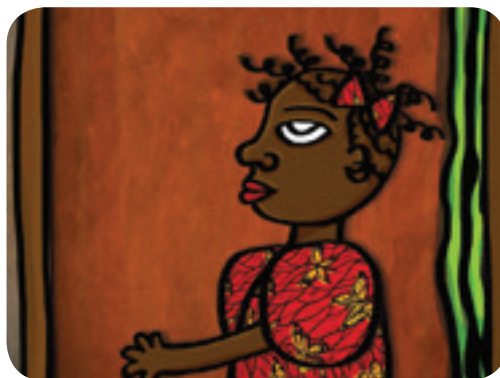
As pessoas crescidas acreditavam que os meninos da aldeia poderiam ficar cegos se brincassem com a Inácia.



Um dia, a Maria, uma menina que a Inácia tão bem conhecia, porque falava muito e era muito viva, desapareceu.



Toda a gente procurava a Maria. Procuravam, chamavam, mas nem sinal da pequena.



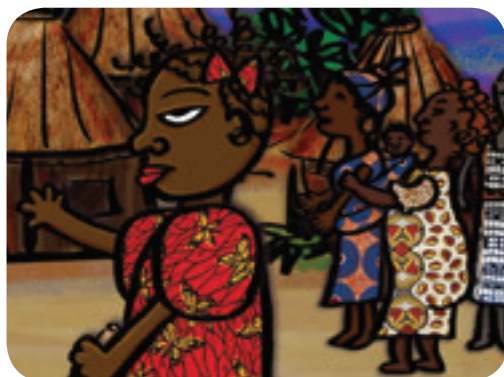
Inácia, ouvindo aquela aflição, decide ajudar e sai de casa para ir ter com as mulheres da aldeia.



Eu também quero ajudar!



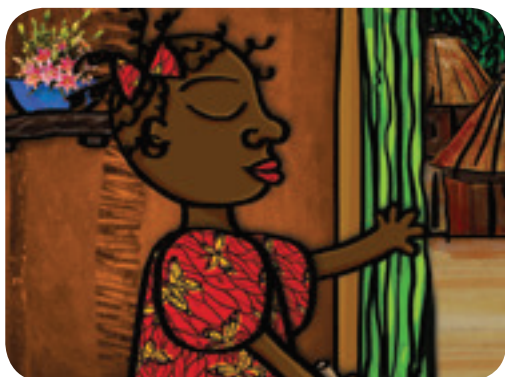
Espantados pela iniciativa, ninguém levou a sério a vontade da Inácia. Disseram: *Vai-te embora!*



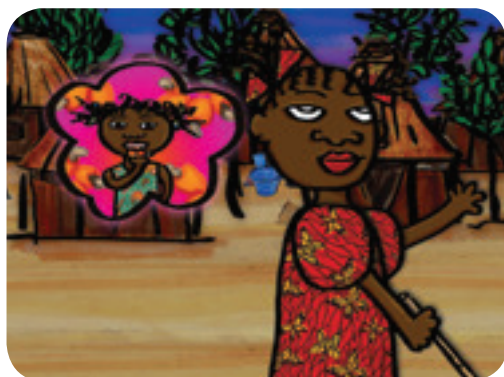
Inácia voltou para casa muito triste e encontrou a mãe de saída para procurar a menina noutros caminhos.



A mãe diz-lhe: *Inácia, por favor não saias de casa, não nos arranjes mais problemas.*



Também Inácia está preocupada, sabe que têm de encontrar a Maria antes que anoiteça.



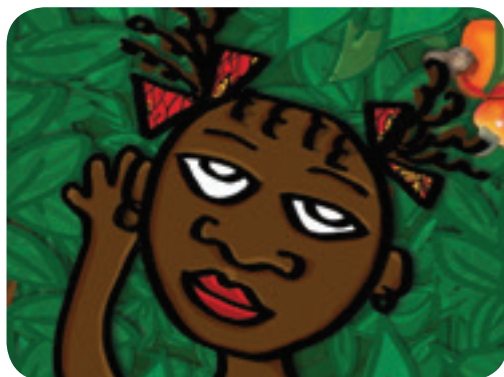
No silêncio da aldeia deserta começa a lembrar-se da Maria e das histórias que a ouvia contar.



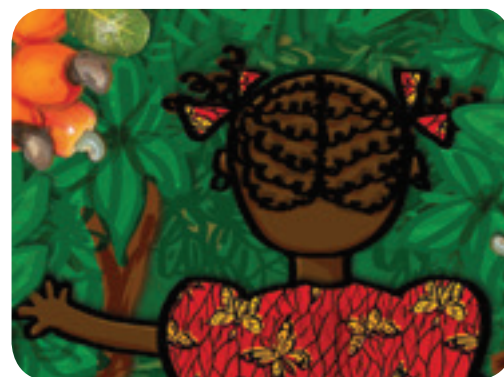
Apura o olfato e sente na pele o vento quente que traz o aroma a caju maduro. É isso...



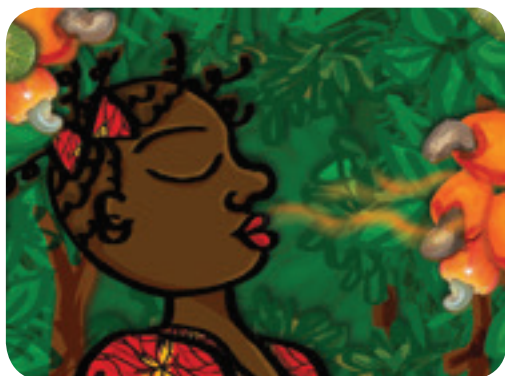
A Maria gosta muito de caju! Sorri sozinha, pega na sua bengala e confiante segue o cheiro da fruta madura.



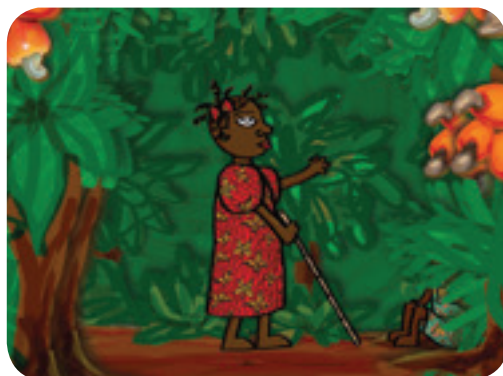
Inácia concentra-se, apura os ouvidos e ao longe começa a distinguir um choro de criança pequena.



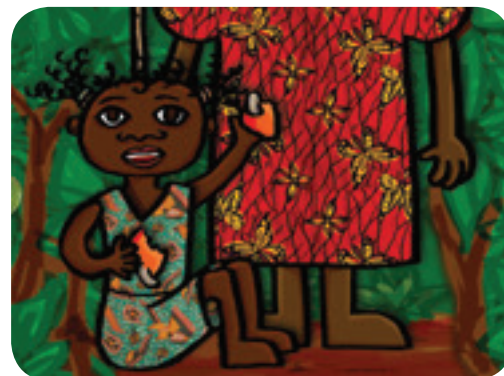
Respira fundo e segue caminho tateando as árvores e os arbustos entrando na horta de caju.



Segue o som da criança que a cada passo fica mais nítido. Sente o aroma a caju, que tanto gosta.



Está, perto! Sabe que está perto. De repente deixa de ouvir o choro. Fica quieta para perceber o que se passa.



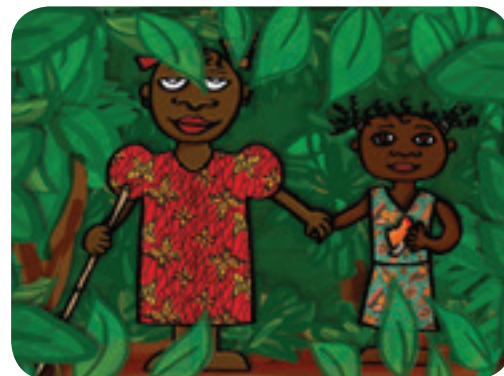
Queres caju? Queres caju, Inácia?



Estás aqui Maria!
E riem as duas.



Na aldeia já todos voltaram desanimados... até que ouvem os passos traquinas que vêm da horta de caju.



Todos se viram espantados para as duas meninas que chegam a rir.



A alegria volta àquela aldeia, e todos recebem a Maria e a Inácia com grande festa.



A Inácia foi a grande heroína deste dia e todos estão felizes por isso.



A partir de então, a Inácia brinca todos os dias com as crianças da sua aldeia.

À DESCOBERTA – O QUE ESTÁ NA MESA?

Abordagem pedagógica: Experiencial e reflexiva.

Objetivos:

- Perceber as dificuldades e necessidades de uma criança com deficiência;
- Desenvolver a cooperação e diferentes formas de comunicação dentro do grupo.

Onde? Na sala de aula ou no exterior.

Como?

1. Dividir o grupo de crianças em pequenos grupos e entregar uma venda a cada grupo. Partilhar com o grupo que vão participar numa atividade experimental relacionada com um dos sentidos (a visão), e por isso devem ter alguns cuidados e precauções.
2. Dar instruções aos grupos para vendarem um dos elementos do grupo, preferencialmente um voluntário. De seguida, os restantes elementos da equipa que não estão vendados devem orientar o elemento vendado sem lhe tocar até uma mesa anteriormente preparada com alguns objetos (ex: chapéu, corda, bola, lápis, etc..). Na mesa, o elemento vendado deve identificar todos os objetos através dos outros sentidos.
3. Tentar que todas as crianças possam experienciar a incapacidade de ver, sem forçar. Para algumas crianças pode ser constrangedor e pode levá-las a sentir algum desconforto e pânico.

Orientações para a reflexão:

1. Como se sentiram como invisuais?
2. A tarefa foi difícil? Porquê?
3. Receberam alguma ajuda do vosso grupo? Como poderiam ter mais ajuda?
4. Como se sentiram os elementos que deram instruções? Estas instruções foram difíceis de transmitir?
5. Açam que as crianças com deficiência têm amigos? Açam que os seus amigos são outras crianças com deficiência? Alguém tem algum amigo deficiente?
6. Todos/as temos o direito de ter aquilo que necessitamos para uma vida completa. Quais são as coisas que necessitam? (Caso as crianças não consigam identificar o adulto pode ajudar: Precisam de comer e beber, de uma família, uma casa, assistência médica, educação, etc..) As crianças com deficiência precisam das mesmas coisas?



VESTE-ME!

Abordagem pedagógica: Plástica e experiencial.

Objetivos:

- Treinar a motricidade fina;
- Perceber as dificuldades e necessidades de uma criança com deficiência;
- Desenvolver a cooperação e diferentes formas de comunicação dentro do grupo.

Onde? Na sala de aula ou em casa.

Como?

1. Organizar o grupo de crianças em pares e distribuir duas folhas de papel branco, lápis coloridos e uma tesoura a cada par. Pedir aos pares para desenharem e colorirem uma boneca que deve representar a Inácia numa das folhas e na outra folha as suas roupas. Depois de construídos, os pares devem recortar a boneca Inácia e as suas roupas.
2. Após os recortes, venda-se os olhos a uma das crianças do par e esta deve tentar vestir a Inácia. Caso não consiga, deve tentar e com orientações do seu par. Assim que a tarefa for concluída devem trocar de papéis.

Orientações para a reflexão:

1. Quando vos foi pedido para desenharem a Inácia (que é invisual) como a representaram? A Inácia é uma criança igual às outras?
2. A tarefa de vestir a Inácia sem apoio do colega foi fácil ou difícil? A tarefa de vestir a Inácia com orientações do colega foi mais fácil? Porquê?
3. O que é que acham que as crianças com deficiência gostam de fazer? São diferentes das coisas que vocês gostam de fazer? Porquê?
4. Esta atividade ajuda a perceber como as crianças com deficiência às vezes precisam de ajuda para fazer algumas tarefas que são mais fáceis para as crianças com boa visão. Conseguem identificar outras deficiências que possam precisar de ajuda/assistência?



EMBALÓ

Personagem: Embaló

Idade: 5 anos

Deficiência: auditiva

Perfil: Desde que nasceu, o Embaló passou a desenvolver os outros sentidos. Ver, sentir, memorizar e cheirar são as suas armas de sobrevivência. Por não ouvir, e não conseguir falar, é deixado à parte. O desejo de Embaló é jogar futebol com os outros meninos.

Deficiência auditiva: A deficiência auditiva ou surdez, como normalmente a conhecemos, apresenta uma grande variação, já que existem situações de diminuição da capacidade auditiva e outras mais severas, em que os indivíduos perdem completamente a audição. Os indivíduos podem nascer com esta deficiência ou podem adquiri-la ao longo da vida, por via de acidente ou doença.



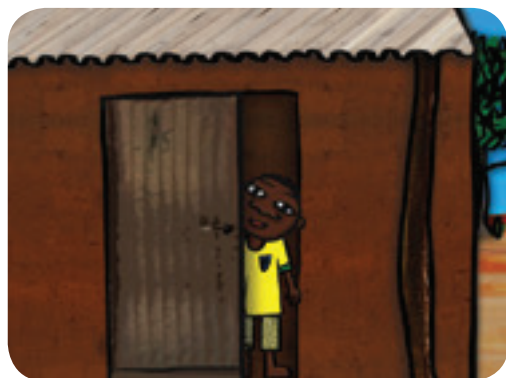
Sempre atento, dia após dia, a partir da sua janela, Embaló observa a vida da aldeia.



Avista ao longe o terreno onde os meninos jogam à bola.



A avó não o deixa sair de casa sozinho, porque o Embaló é surdo.



Todos os dias, tenta ir ao campo às escondidas, ver os meninos a jogarem à bola.



Mas é sempre apanhado pela vizinha, que o manda a gesticular, de volta para casa: *Vai para casa, surdo!*



Um dia, o Embaló vê a avó e a vizinha a saírem juntas para trabalhar na horta.



Sem ninguém por perto, Embaló sai de casa sem autorização.



Vai até ao campo da bola, onde os meninos da sua idade estão a jogar. Por sinais pede para entrar no jogo.



Os meninos gritam e gesticulam muito com ele, mandam-no para casa e não querem que ele esteja ali.



Embaló, triste e com medo afasta-se. Não percebe porque é que não o deixam jogar.



Abriga-se atrás de uma árvore e acaba por adormecer.



Sonha que está a jogar futebol com os meninos no campo da aldeia. É um sonho bonito que o deixa feliz.



Entretanto, é despertado por um cheiro estranho. Embaló tem o olfato muito apurado.



O cheiro fica cada vez mais forte, não é um cheiro habitual... Percebe que algo estranho está a acontecer.



Procura, procura e quando olha na direção da cozinha, vê o início do incêndio. Corre a avisar os meninos.



Primeiro eles acham que o Embaló está possuído por um espírito mau... mas prestando mais atenção...



... percebem que o perigo está perto... Está a começar um incêndio no centro da aldeia.



Os meninos correm a gritar para avisar toda a gente.



Um deles junta-se a Embaló e procuram um lugar seguro.



Toda a comunidade ajuda a apagar o incêndio, que com o aviso atempado, não teve tempo de crescer.



Quando a vizinha chega e vê aquele aparato, ralha com o Embaló e diz: *A culpa é tua, surdo.*



Todos os meninos defendem o novo amigo, dizem: *Foi o Embaló que deu o alerta, ele está sempre muito atento.*



Graças ao aviso rápido do Embaló ninguém se magoou. Todos o convidam para jogar futebol.



Neste dia os meninos perceberam que podem ser da mesma equipa. Agora todos jogam futebol juntos.



MÍMICA VERSUS SOM

Abordagem pedagógica: Sensorial.

Objetivos:

- Sensibilizar para importância do sentido da audição e ausência deste;
- Aprender a utilizar formas de comunicação não-verbal;
- Perceber as dificuldades e necessidades de uma criança com deficiência.

Onde? Na sala de aula, em casa ou no exterior.

Como?

1. Dar instruções ao grupo que devem seguir as seguintes orientações em que cada som corresponde a uma determinada ação: 3 palmas o grupo deve correr livremente sem tocarem uns nos outros. 2 palmas o grupo deve andar normal livremente sem tocarem uns nos outros. 1 palma devem parar. Advertir o grupo para a importância da escuta, pois é ela que vai comandar esta atividade.
2. Após terem experienciado esta atividade deve dar-se novas instruções, desta vez as instruções vão ser através de gestos: 3 dedos no ar o grupo deve correr livremente sem tocarem uns nos outros. 2 dedos no ar o grupo deve andar normal livremente sem tocarem uns nos outros. 1 mão fechada no ar devem parar. Advertir o grupo para a importância da comunicação não verbal pois é ela que vai comandar esta atividade.

Orientações para a reflexão:

1. Divertiram-se com esta atividade? Achem que uma criança que tem deficiência auditiva conseguiria jogar este jogo? Porquê?
2. Existem crianças surdas mudas que não ouvem e não falam. Achem que estas crianças aprendem da mesma forma que vocês? Como é que elas aprendem e como comunicam?
3. Existem muitas formas de comunicar, conseguem identificar algumas? Por que é que estas diferentes formas de comunicar são importantes?

PASSA A MENSAGEM

Abordagem pedagógica: Experiencial e comunicativa.

Objetivos:

- Explorar diferentes formas de comunicar;
- Perceber as dificuldades e necessidades de uma criança com deficiência.

Onde? Na sala de aula ou em casa.

Como?

1. Dividir o grande grupo em 4 grupos e fazer com que cada grupo passe a mensagem para o outro, através de linguagem não verbal (mímica, desenho, etc.) Cada grupo escolhe a sua forma de representação para transmitir a mensagem. Sugerimos as seguintes mensagens:
 - O pássaro constrói ninhos, o homem constrói a amizade;
 - Todos os adultos já foram um dia crianças;
 - Quanto mais escura é a noite, maior é o brilho das estrelas;
 - Todas as crianças têm direito à educação.

Orientações para a reflexão:

1. Como se sentiram ao realizar esta atividade?
2. Foi fácil ou difícil transmitir a mensagem? Todos os grupos conseguiram adivinhar a mensagem?
3. Se houvesse crianças surdas mudas neste grupo, elas conseguiriam participar nesta atividade? Quais os cuidados que deveríamos ter?
4. Esta atividade ajuda-nos a perceber que existem muitas barreiras na comunicação. Quais são essas barreiras? Como podemos combatê-las?



ANTÓNIO

Personagem: António

Idade: 13 anos

Deficiência: Trissomia 21

Perfil: António é um menino muito doce e sorridente. É brincalhão, mas por ser diferente fisicamente, e muito maior do que as outras crianças, é ignorado, e deixado de lado pelos outros meninos.

Trissomia 21: A trissomia 21, ou como muitos a conhecem, síndrome de down, é uma doença genética, o que significa que estes indivíduos nascem com a deficiência. Trata-se de uma alteração no cromossoma 21¹ e apresenta diversas manifestações, nomeadamente, no que respeita ao formato do rosto, o tamanho das orelhas, a separação entre o 1º e 2º dedos do pé, mãos curtas e largas, atraso significativo no desenvolvimento intelectual e na aquisição da linguagem.



O António é muito forte! Gosta muito de trabalhar e em casa ajuda a mãe todos os dias. Tem Trissomia 21.



Na aldeia todos acham que está amaldiçoado. Por isso a sua família tem vergonha de o levar à rua.



Ele bem gostaria de ajudar na construção da nova cozinha que acontece próxima da sua casa.



Lá só trabalham as mulheres. António vê que elas não têm força suficiente para um trabalho tão pesado.



Tenta ajudar, mas não é bem acolhido. As mulheres mandam-no embora porque pensam que ele tem maus espíritos.



Mesmo assim António gosta de todos e continua a acompanhar de longe a construção da cozinha.

¹ Os seres humanos são constituídos por 23 pares de cromossomas, mas este tipo de alterações podem acontecer e dar origem a diferentes tipos de deficiências.



Percebe que as mulheres têm muita dificuldade e por isso a obra avança muito lentamente.



De repente... um acidente. Uma viga cai em cima do pé de uma mulher.



António ficou assustado com o aparato. Mas não pode ficar ali parado, tem de fazer alguma coisa.



Sai de casa e corre em direção à obra, sabe que pode ajudar.



Mas ninguém quer a presença dele, mandam-no embora enquanto a mulher grita com dores.



Todas juntas tentam levantar a viga, mas não conseguem. A viga é muito pesada.



António fica muito triste por ver a senhora a sofrer, por isso insiste e corre novamente até ao grupo de trabalho.



Há sempre alguém que o tenta barrar e que grita: *Sai daqui, tu não podes ajudar!*



António ignora os comentários e decidido agarra a ponta da viga, levanta-a, aliviando o pé magoado.



António é forte e também é teimoso e por isso não desistiu.



Com toda a sua força consegue levantar a viga.



Por alguns segundos, mantém a viga no ar e imagina-se o homem mais forte do mundo!



É o tempo suficiente para que as outras mulheres tirem a companheira para um lugar seguro.



Volta a baixar a viga no chão, mas como é um pouco trapalhão entala um dedo debaixo da viga.



Tira-o depressa com gritos de dor: *Ai, ai, ai!!!*



As mulheres correm para ele, a mãe abraça-o e dá-lhe muitos beijinhos pela sua bravura.



Todas as mulheres o mimam e ficam contentes em convidá-lo para ajudar na obra da cozinha.



Compreendem que o António é uma ajuda preciosa, e que pode participar nos trabalhos da aldeia.

XIRIBIKITI

Abordagem pedagógica: Narrativa da estória.

Objetivos:

- Conhecer e explorar a estória do Xiribikiti;
- Discutir o conceito de todos diferentes, todos iguais;
- Refletir acerca da tolerância e diversidade.

Onde? Na sala de aula ou em casa.

Como?

1. Pedir ao grupo para formar um círculo e criar uma atmosfera confortável para contar a estória do Xiribikiti. A estória deve ser contada de uma forma mágica, o contador deve colocar bem a sua voz, modelá-la, variar o ritmo e intensidade.

2. Contar a estória:

Narrador: Esta história aconteceu no mundo animal, e nesse mundo tal como no nosso, nem tudo é muito bonito e nem tudo é muito feio, nem tudo é normal e nem tudo é estranho. Mas existem sempre surpresas.

Esta história é acerca de uma dessas surpresas. É a história de um animal muito especial chamado Xiribikiti.

Xiribikiti andava à procura de amigos, conheceu quase todos os animais, um por um. Conheceu animais do mar, da selva, do bosque, aves e pássaros, até conheceu animais domésticos. Mas todos eles o acharam um animal muito estranho. Xiribikiti andava à procura de amigos, mas nenhum animal quis ser seu amigo porque ele era simplesmente estranho e desconhecido.

Um dia, uma hiena que estava com muita fome, tenta comer os outros animais, mas estes conseguem sempre fugir dela. Xiribikiti apercebeu-se que havia muita confusão e reaparece e pergunta:

Xiribikiti (perguntando à audiência): Que confusão foi esta? Podem dizer-me? (Depois da audiência explicar o que aconteceu)



Xiribikiti: Bem, vou usar o meu grande nariz de rato para tentar perceber onde está essa hiena, depois vou usar as minhas patas de gato, sem fazer barulho para ir ter com ela sem que ela note, e quando estiver perto dela vou rugir como um leão. Ela vai ter tanto medo que nunca mais vai voltar.

Narrador: E assim aconteceu, depois deste ato heroico os outros animais aproximaram-se de Xiribikiti e pediram-lhe desculpa pelo seu comportamento. Pediram-lhe ainda que fosse amigo deles e Xiribikiti aceitou. Esta é a história de Xiribikiti, Gostaram? Xiribikiti pode não ser muito divertido e até deve ser feio, mas ele tem muitos outros talentos. Um dos talentos é ajudar os animais que não queriam ser seus amigos. Da próxima vez que virem alguém estranho ou diferente, espero que pensem no Xiribikiti - essa pessoa pode ter talentos que vocês nunca imaginaram e pode vir a ser um amigo maravilhoso.

Orientações para a reflexão:

1. O que sentiram em relação a esta história?
2. O que aconteceu durante a história?
3. Qual o animal que vocês mais gostam? Porquê?
4. Porque é que os outros animais não gostaram do Xiribikiti?
5. O que fez com que os outros animais mudassem de opinião?
6. Já viram alguém a ser tratado como o Xiribikiti?
7. Acham que existem crianças que podem ser como o Xiribikiti? O António pode ser uma dessas crianças?
8. Todos nós somos iguais, mas temos diferenças. De que forma é que somos iguais? e quais são as nossas diferenças?
9. O que é que podemos fazer para apoiar as crianças como o António?



CONSTRUÇÃO DO XIRIBIKITI

Abordagem pedagógica: plástica e reflexiva.

Objetivos:

- Construir a representação do Xiribikiti;
- Desconstruir a ideia dos estereótipos;
- Refletir acerca da tolerância, diversidade e discriminação.

Onde? Na sala de aula/ em casa.

Como?

1. Dividem-se as crianças em 3 grupos e cada grupo vai construir a representação do Xiribikiti. Devem utilizar materiais disponíveis no meio para o construírem. Ter disponível alguns materiais como tesouras, cola, fita cola, linha ou lã para ajudar na construção do Xiribikiti.
2. Discutir com o grupo acerca das suas construções usando as orientações para a reflexão.

Orientações para a reflexão:

1. Gostaram de participar nesta atividade?
2. Porque construíram o Xiribikiti desta forma?
3. O que é que o Xiribikiti nos diz sobre as aparências? Ele pode ser feio e estranho, mas também pode ser generoso?
4. Como podemos melhorar a nossa atitude perante todos/as as crianças e adultos como Xiribikiti?
5. O que é que aprendemos com esta atividade?

PEIXINHOS NO AQUÁRIO

Abordagem pedagógica: plástica e reflexiva.

Objetivos:

- Compreender a importância da diferença;
- Ajudar a desenvolver o sentido reflexivo.

Onde? Sala de aula, sala de formação, exterior, em casa.

Como?

1. O dinamizador da atividade deve desenhar um aquário em duas cartolinas. Uma cartolina deve ser fixada na parede. Na outra cartolina, onde foi desenhado o segundo aquário, o dinamizador deve desenhar ou colar vários peixinhos iguais. Este aquário fica guardado até o fim da atividade.
2. Deve ser pedido a cada elemento do grupo que desenhe e pinte num pequeno papelinho, um peixinho. Cada elemento deve recortar o seu peixinho e colar no aquário.
3. Depois de todos elementos terem colado o seu peixinho, o dinamizador fixa a segunda cartolina ao lado da primeira.

Orientações para a reflexão:

1. Vêm diferenças entre os dois aquários?
2. Qual é o aquário mais bonito?
3. O António é um peixinho diferente dentro do aquário que é a sua comunidade. Açam que a comunidade seria igual se o António não existisse? O que seria diferente?



ZÉ

Personagem: Zé

Idade: 10 anos

Deficiência: paralisia cerebral

Perfil: Zé é tido como um assombro. Toda a gente acha que é possuído por espíritos malignos. Todos têm medo. Zé gosta de ouvir rádio, é o seu contato com o mundo exterior. É muito atento às notícias, e ao que se passa à sua volta.

Paralisia cerebral: A paralisia cerebral é uma deficiência que pode ter origem na gravidez, no parto ou no pós-parto. As crianças com paralisia cerebral apresentam características muitíssimo diferenciadas, existindo casos moderados, nos quais pode haver apenas uma pequena alteração em termos motores, havendo também casos severos, nos quais a criança apresenta grandes alterações do ponto de vista motor e intelectual.



A família do Zé reúne-se à volta do rádio para ouvir as notícias.



O Zé gosta de ouvir rádio, é o seu contato com o mundo lá fora. É com esta companhia que passa os dias.



A avó do Zé está doente e por isso hoje tem de ir ao médico.



Toda a família saiu para o trabalho. O Zé fica sozinho a ouvir os programas da rádio. É a sua diversão.



Hoje o Dr. Eduíno vai à aldeia. O Zé gosta de ficar à janela a ver as pessoas à porta do Centro de Saúde.



Sempre que há consulta juntam-se ali muitas pessoas que vêm de longe, algumas fizeram a pé muitos quilómetros.



A rádio dá uma notícia de última hora: *Hoje o Dr. Eduíno dará consulta na escola e só até ao meio dia.*



Esta notícia deixa o Zé preocupado. Já são dez horas... É preciso avisar a avó e todas as pessoas na fila.



Tenta avisar da sua janela, acenando. As pessoas não percebem e gritam com ele e chamam-lhe coisas feias.



O Zé tem paralisia cerebral e por isso as pessoas pensam que ele é incapaz e não fazem caso do que ele diz.



Todos continuam à espera do médico e ficam mais sossegados quando o Zé fecha a janela.



O Zé não desistiu, ele quer avisar as pessoas que as consultas hoje mudaram de sítio e que não há tempo a perder.



Dirige-se para a entrada do Centro de Saúde, mas os utentes reagem mal e continuam a gritar com ele.



O Zé assusta-se, mas quer dar o recado à avó. *O doutor não vem, hoje as consultas são na escola.*



Sem perceber bem o que se passa, não é fácil perceber o Zé quando ele fala, a avó confia e segue-o até à escola.



Como o médico não chegou, as pessoas começam a pensar que o Zé talvez saiba alguma coisa que elas não sabem.



Avó e neto andam com dificuldade até à escola mas não desistem, e fazem o caminho juntos.



São ultrapassados pelos outros utentes que andam mais rápido e decidiram ir ver com os seus próprios olhos.



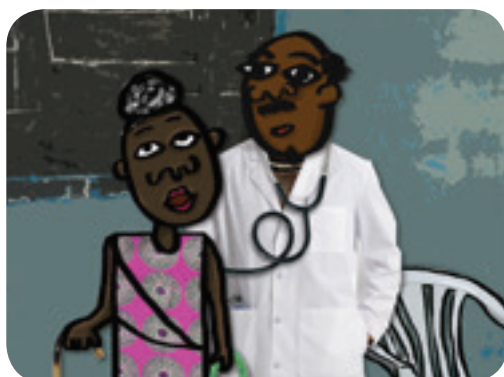
Quando se aproximam veem o Dr. Eduíno à porta. Percebem agora que o Zé os chamava com muita razão.



O Zé e a avó são os últimos a chegar porque andam mais devagar e por isso ficam no final da fila.



Por a avó do Zé ser mais idosa e estar doente, há uma senhora que lhe dá a vez e conduz os dois para o início da fila.



A avó do Zé tem a sua consulta garantida e o médico trata dela com muito cuidado.



Desta vez o Zé também é visto pelo Dr. Eduíno, uma consulta de rotina para dizer que está muito saudável.



A partir deste dia todos passam pela janela do Zé para cumprimentar e saber das novidades da rádio.



CONTAR A ESTÓRIA DO ZÉ

Abordagem pedagógica: Narrativa de estória

Objetivos:

- Conhecer e explorar a estória do Zé
- Perceber as dificuldades e necessidades de uma criança com deficiência

Onde? Na sala de aula ou em casa.

Como?

1. Pedir ao grupo para formar um círculo e criar uma atmosfera confortável para contar a estória do Zé. A estória deve ser contada de uma forma mágica, o contador deve colocar bem a sua voz, modelá-la, variar o ritmo e intensidade e deve mostrar sempre as ilustrações ao grupo, caso existam. O livro deve estar sempre presente.

2. No momento da reflexão, o contador deve manter o círculo e pode utilizar o livro como microfone, ou seja, só pode falar quem tiver o livro na mão, para que todos/as possam participar e ao mesmo tempo ouvirem as opiniões de cada um.

Orientações para a reflexão:

1. O que é que sentiram ao ouvir a história do Zé?
2. O que é que aconteceu durante a história?
3. Isto pode acontecer na vida real?
4. O Zé é uma criança especial. Todas as crianças são especiais? Porque é que o Zé é especial?
5. Todos nós somos iguais, mas temos diferenças. De que forma é que somos iguais? e quais são as nossas diferenças?
6. O que é que podemos fazer para apoiar as crianças como o Zé?

TEATRO DA ESTÓRIA

Abordagem pedagógica: Dramatização

Objetivos:

- Perceber as dificuldades e necessidades de uma criança com deficiência
- Refletir acerca do nosso papel na inclusão de crianças com deficiência

Onde? Na sala de aula.

Como?

1. Pedir a um grupo de 4 ou 5 voluntários para dramatizar a estória do Zé. Dar algum tempo para o grupo se preparar, definir personagens e ensaiar a dramatização.

2. Dar orientações ao restante grupo de que vão assistir a uma dramatização. Depois de assistirem uma primeira vez, a dramatização vai ser repetida, mas desta vez não vão apenas assistir, vão também ser intervenientes na ação, ou seja, no decorrer da dramatização podem interromper caso queiram mudar alguma coisa na ação que possa transformar/ mudar a atitude dos personagens.

3. O adulto deve moderar a intervenção das crianças para que todos/as possam participar, e a forma mais correta de interromper a ação será através de um sinal sonoro que pode ser previamente combinado com a assistência (Ex: Bater palmas, assobiar, etc.).

Orientações para a reflexão:

1. Como se sentiram durante a realização desta atividade? Como se sentiram os atores? e a assistência?
2. Na segunda parte desta atividade, a assistência pode intervir. Como foi intervir/mudar alguma coisa na estória do Zé?
3. Que mudanças foram sugeridas? Resultaram ou não? Porquê?
4. Açam que podemos também intervir na mudança de atitudes perante crianças como o Zé? Como podemos intervir?



ODÍLIA

Personagem: Odília

Idade: 14 anos

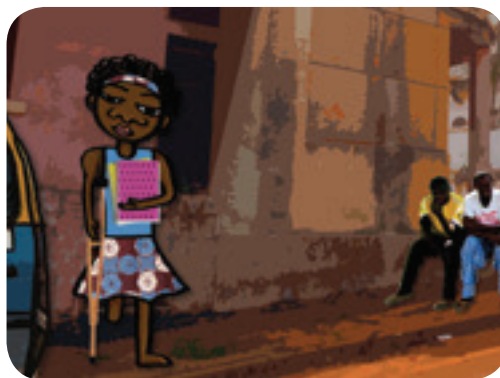
Deficiência: motora

Perfil: Odília teve poliomielite quando pequena e só consegue andar com a ajuda de muletas. É uma menina inteligente que sonha em ser professora. Não consegue ir às aulas regularmente, pois o transporte para a escola, o “toca-toca”, não a leva. Acaba por passar os dias a observar o pai a arranjar carros na sua pequena oficina mecânica.

Deficiência motora: A deficiência motora é uma perturbação no desenvolvimento motor, a qual poderá ser congénita ou adquirida, transitória ou permanente. Estas pessoas podem apresentar limitações ao nível das articulações e estrutura óssea, da função muscular e do movimento.



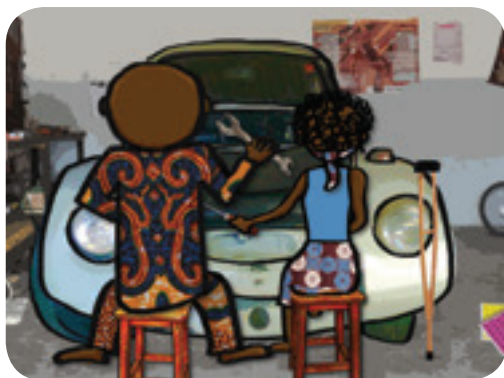
A Odília nem sempre consegue apanhar o transporte para chegar à escola a horas.



Os toca-toca que passam na sua rua raramente param para a apanhar.



Por este motivo volta a casa e passa muito tempo com o pai na oficina onde ele é mecânico.



Odília é uma menina muito esperta e aprende com facilidade, e é muito habilidosa com as mãos.



Ela sabe que os toca-toca param sempre para os outros passageiros, mas para ela não.



Se o condutor a vê sozinha, abana a cabeça e a mão em sinal de negação, e segue sem parar.



A Odília não desiste de estudar e todos os dias espera o transporte na esperança de conseguir chegar à escola.



Um dia, um toca-toca aproxima-se com dificuldade, vem muito devagarinho e faz um barulho estranho.



A Odília percebe que aquele barulho é mau sinal. Alguma coisa está estragada naquele veículo.



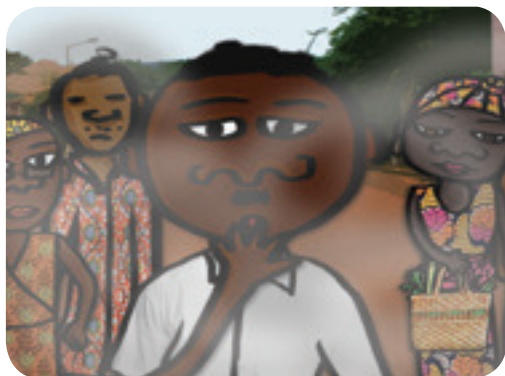
O toca-toca deita fumo por todos os lados e o motor falha constantemente.



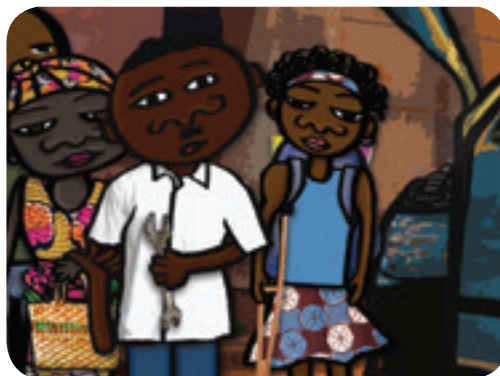
Para mesmo em frente da Odília e o condutor não consegue voltar a ligar o motor.



Abre a porta muito aborrecido e sai com a chave-inglesa na mão, decidido a arranjar a carrinha.



Quando abre o capô, sai muito fumo. O condutor não sabe o que fazer... Coça a cabeça e resmunga desorientado.



Odília que vê a cena há alguns minutos, oferece ajuda. Pelo barulho do motor ela imagina qual é o problema.



Todos os passageiros riem dela, e acham que ela está a querer brincar com eles.



Afastada por todos, Odília volta para a berma na esperança que passe outro toca-toca e a leve à escola.



O tempo passa, e o condutor não consegue encontrar uma solução. Odília vai ter com ele, e pega nas ferramentas.



Mexe no motor com convicção, ela sabe qual é o problema. Faz sinal ao condutor para ligar a carrinha.



O motor não pega à primeira, mas Odília está confiante, pede para tentar outra vez, e logo começa a trabalhar.



Todos ficam surpreendidos e sorriem para Odília, gratos pela preciosa ajuda.



O condutor vai até à porta de trás e coloca uma tábua a fazer de rampa para Odília entrar com mais facilidade.



A partir deste episódio, tudo mudou na vida da Odília, e o condutor tornou-se seu amigo.



O toca-toca pára todos os dias, todos os passageiros a conhecem e a ajudam a subir.



Odília nunca mais faltou à escola e sabe que assim pode realizar o sonho de ser professora quando crescer.



CORRIDA LOUCA

Abordagem pedagógica: Física.

Objetivos:

- Participar numa corrida com instruções diferenciadas;
- Sentir e compreender as dificuldades vividas por um deficiente motor na prática desportiva.

Onde? No exterior.

Como?

1. Organizar o grupo para a corrida louca. Explicar que esta atividade não é uma atividade de competição e que o objetivo não é ganhar a corrida, mas sim alcançar a meta para garantir que a tarefa foi executada com sucesso. Caso isso aconteça todos serão vencedores e todos terão um prémio (que podem ser rebuçados, gomas, frutas).
2. Distribuir orientações diferenciadas por todos os elementos do grupo (com saco; ao pé coxinho; 2 crianças presas nos braços ou pernas; olhos vendados, carrinho de mão, etc.). Por uma questão de segurança, sugerimos que partam um de cada vez, uma vez que o objetivo é alcançar a meta.

Orientações para a reflexão:

1. Foi difícil correr com limitações? Porquê? Conseguiram alcançar a meta?
2. Existem crianças e adultos com algumas destas limitações. Conhecem alguém?
3. Açam que estas limitações condicionam as suas vidas? Como? Já ouviram falar dos jogos paralímpicos?
3. Elas são diferentes de outras crianças? Quais as semelhanças e quais as diferenças?
4. Apesar das limitações estas crianças são iguais a qualquer outra criança. As limitações, na maioria das vezes é mais nossa do que da criança com deficiência motora. O que podemos fazer para atenuar estas limitações?

DESAFIA O TEU DESENHO

Abordagem pedagógica: Experiencial e plástica.

Objetivos:

- Sentir e compreender a dificuldade em desenhar quanto se tem deficiência motora.

Onde? Na sala de aula ou em casa.

Como?

1. Distribuir folhas brancas e lápis coloridos ao grupo. Pedir ao grupo que tente desenhar individualmente (pode dar-se liberdade às crianças para desenharem o que quiserem) com alguns condicionalismos.
2. Dar diferentes instruções de desenho condicionado, ou seja, não poderão usar as mãos, podem desenhar com a boca, com o pé ou através de outras formas.

Orientações para a reflexão:

1. Foi difícil desenhar com algumas limitações? Porquê?
Foi possível desenharem aquilo que queriam, mesmo que o traço não fosse preciso?
2. Existem crianças com algumas destas limitações. Conhecem alguém?
3. Elas são diferentes de outras crianças?
Quais as semelhanças e quais as diferenças?
4. Apesar das limitações estas crianças são iguais a qualquer outra criança. As limitações, na maioria das vezes é mais nossa do que da criança com deficiência motora. O que podemos fazer para atenuar estas limitações?

OUTRAS ATIVIDADES - EM CASA, NA ESCOLA E COM AMIGOS



ABRAÇO

Abordagem pedagógica: Reflexiva.

Objetivos:

- Aprender a definir estratégias para um ambiente sem discriminação;
- Promover a equidade.

Onde? Escola, casa, grupo sociocomunitário.

Como?

1. Pedir que cada elemento do grupo imagine o seguinte: "És um diretor de uma escola (pode-se aplicar diretor de centro de saúde, animador comunitário, etc). Como tal, tens o desafio de criar um ambiente escolar sem discriminação e onde todas as crianças têm oportunidades de aprendizagem. Que estratégias vais implementar para atingir esse objetivo?"
2. Pedir que as estratégias a definir contemplem a participação e o envolvimento de todos os elementos que fazem parte da escola (direção, professores, alunos, funcionários, pais, encarregados de educação, comunidade).
3. As estratégias têm de apresentar ações concretas.
4. Os resultados são apresentados e discutidos em grupo.

Orientações para reflexão:

1. Sentiram dificuldades na realização da tarefa? Que dificuldades? Como superaram as dificuldades?
2. As ações terão impacto na escola? Que tipo de impacto? Como medir o impacto?
3. Serão as ações que implicam a participação e envolvimento de todos (professores, alunos, funcionários, pais, encarregados de educação e comunidade) mais eficazes?
4. Qual a importância de um ambiente escolar sem exclusão/discriminação, onde todos têm oportunidades de aprendizagem?

TODOS JUNTOS

Abordagem pedagógica: Experiencial e reflexiva.

Objetivos:

- Aprender a definir estratégias para um ambiente comunitário sem discriminação e onde seja garantido o direito à educação.

Onde? Escola, casa, grupo sociocomunitário.

Como?

1. Pedir que os elementos do grupo se sentem em círculo.
2. Criar 7 personagens: uma criança surda; uma criança cega; uma criança muda; uma criança com paralisia cerebral; uma criança com trissomia 21; duas crianças sem quaisquer deficiências físicas e/ou intelectuais.
3. Distribuir as personagens pelos elementos do grupo. Cada membro do grupo deverá encarnar uma das personagens.
4. Pedir que cada elemento do grupo imagine e retrate a personalidade da sua personagem.
5. Pedir que cada elemento do grupo imagine e descreva as dificuldades e as potencialidades na vida das suas personagens. Pedir que falem das vivências na escola e na comunidade onde vivem.
6. Pedir que os elementos de grupo, com base nos seu relatos, proponham estratégias para a criação de um ambiente comunitário onde se promova o acesso à educação e a inclusão de crianças com deficiências.
7. Os resultados são apresentados e discutidos em grupo.

Orientações para reflexão:

1. Como se sentiram na realização da atividade?
2. Que ligações podemos fazer com o que acontece no dia-a-dia?
3. Porque acontecem situações de discriminação da crianças com deficiência?
4. Que conclusões podemos tirar? (Pode a comunidade ajudar à não discriminação?)
5. Como é que as comunidades se podem organizar para resolver as situações de discriminação e apoiar a defesa dos direitos da crianças?

OUTRAS ATIVIDADES - EM CASA, NA ESCOLA E COM AMIGOS



ESCOLA QUE APRENDE

Abordagem pedagógica: Experiencial, reflexiva e dramatização.

Objetivos:

- Aprender a definir estratégias para um ambiente escolar sem discriminação e onde seja garantido o direito à educação.

Onde? Escola, casa, grupo sociocomunitário.

Como?

1. Apresentar a seguinte situação-problema: A Escola Básica Amanhã tem dois alunos que se encontram em cadeiras de roda, uma aluna cega e um aluno surdo. A EB Amanhã não tem condições para acolher os alunos, mas o diretor Midana sabe que se não aceitar a matrícula dos alunos, eles ficarão sem estudar, pois não existe nenhuma outra escola num raio de 10km. O diretor Midana é uma pessoa que acredita nos direitos das crianças e sabe que é seu dever incluir todas as crianças na sua escola. Sabe que todas as crianças têm direito à educação. Resolve marcar uma reunião com os professores e funcionários para tomarem medidas concretas que visem a inclusão dos alunos em causa.

2. Criar um cenário de reunião. Cada elemento do grupo desempenhará um papel (um diretor, vários professores e funcionários).

3. Representar uma reunião onde serão discutidas as medidas a implementar. Discutirão estratégias para organizar a escola de maneira a integrar os alunos com deficiência.

4. Pedir que considerem mudanças no espaço físico da escola; na metodologia de ensino; atividades que promovam a integração e a rejeição de qualquer forma de discriminação.

5. Os resultados serão apresentados e discutidos em grupo.

Orientações para reflexão:

1. Sentiram dificuldades na realização da tarefa? Que dificuldades? Como superaram as dificuldades?

2. As medidas tomadas terão impacto na escola? Que tipo de impacto?

3. As medidas implicam a participação e envolvimento de professores, alunos, funcionários, pais, encarregados de educação e comunidade?

4. Qual a importância de um ambiente escolar sem exclusão/discriminação, onde todos(as) têm oportunidades de aprender?

SABER MAIS:

Nações Unidas, Direitos Humanos

<http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/CRPD/Pages/Membership.aspx>

Relatório Mundial sobre a Deficiência

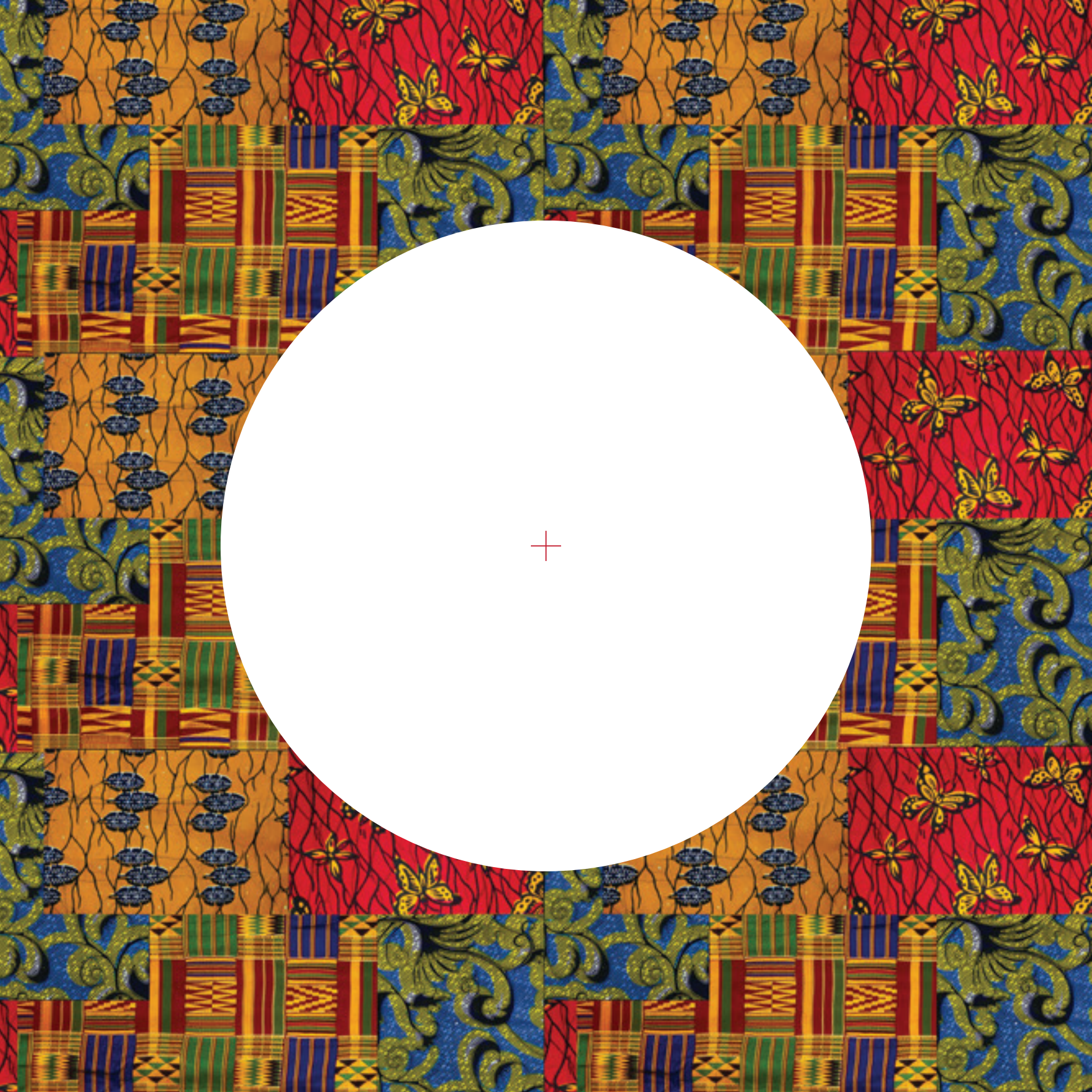
http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/RELATORIO_MUNDIAL_COMPLETO.pdf

Declaração de Salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>

Dinâmicas de inclusão

<http://www.ebah.pt/content/ABAAAACvKAL/dinamicas-inclusao>



SOBRE A FEC

A FEC é uma Organização não Governamental para o Desenvolvimento (OnGD) fundada em 1993 pela Conferência Episcopal Portuguesa e pela Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP) e Federação nacional dos Institutos Religiosos (FnIS).

Tem como MISSÃO promover o desenvolvimento humano integral através da cooperação e solidariedade entre pessoas, comunidades e Igrejas.

Numa sociedade em constante evolução e mudança, a FEC acredita que cada pessoa pode criar futuro, ser construtora de uma nova “pólis” e protagonista de uma sociedade mais justa. Para tal, aposta no trabalho em parceria e rede e dá prioridade ao acesso à Educação e Saúde. Promove a Igualdade de Género, os Direitos Humanos e a Sustentabilidade Ambiental e desenvolve ações de Advocacia junto dos decisores políticos, económicos, religiosos nacionais e internacionais, em prol da Justiça e equidade Social.

A FEC é membro de várias redes, entre as quais: Plataforma Portuguesa das OnGD, Confederação Portuguesa de Voluntariado e Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Solidariedade - CIDSE. A FEC é reconhecida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros Português e pela União Europeia.

PUBLICAÇÕES FEC

Coleção Guiões Pedagógicos:

“Tenho Direito! Dás-me Direitos?!”

“5 Crianças! 5 Direitos!”

“Kit de Educação de Infância”

Manuais FEC_Educar:

“Recortes da história da Guiné-Bissau”

“Nha Saude na Nha Mon: - Manual de Educação para a Saúde”

“Para uma escola de Qualidade: Manual de Gestão e Administração Escolar para Todos”

“O mundos de Palmo e Meio: - Manual de Educação de Infância”

